

Entrevistas

Dr. Roberto Chabo



Alan: Interessante que eu era estudante nessa época e já participava dessas assembléias nobres do município e o Chabo sempre foi o presidente, com uma oposição muito grande da esquerda. E ele conseguia encabeçar o movimento, conseguia contemporizar aquela posição e foi caminhando, centralizou e foi uma grande figura mesmo!

Dr. Chabo: Sabe porque? Porque não podia trair a decisão da assembléia! Existe sempre essa abertura, essa forma democrática de condução que acaba por granjear a confiança de todo o grupo. A greve acontece em março e dura quase 60 dias. Eu ia São Paulo, o pessoal de São Paulo vinha aqui, Minas, então realmente a coisa cresceu, alguns estados como Minas, tinha líderes importantes como Celinho. Era um líder ascendente, era meu amigo, ele é desse movimento, Célio Castro.

Sebastião: Prefeito de Belo Horizonte?

Dr. Chabo: Prefeito de Belo Horizonte, e aí a gente começa a, faz o movimento, tem algumas conquistas é verdade, é que melhorou o alto estima do médico brasileiro porque essa greve era de muitos frutos, organizou-se o movimento sindical, mas aí me prenderam novamente! O Cerqueira, esse que matou o Lamarca, é que faz questão de me prender.

Sebastião: Pós-greve?

Dr. Chabo: Na greve. Na vigência, o sindicato sofreu intervenção. De São Paulo, veio o Teotônio dando uma muito boa solidariedade, Eu tinha transferido o sindicato pra Sociedade de Medicina e Cirurgia, Para complicar ainda mais, jogaram uma bomba no Rio Centro, em plena greve. Conseguimos reunir 10.000 médico sem greve!

Sebastião: E a reivindicação básica?

Dr. Chabo; Era salarial. Quem eram os interlocutores do governo: Delfim Neto, Macedo (Ministro do Trabalho)... eu me lembro, Delfim era um deles o governador era Chagas Freitas.

Sebastião: Mas nesta greve tinha algum quesito contra a ditadura, coisas mais gerais?

Dr. Chabo: E aí a questão é a seguinte: Era um leque de reivindicações que envolvia o Estado, o Município e os Ministério da Saúde. É claro que quando você fala melhores condições de trabalho, o Marcos Hoette trazia alguns caras de São Paulo para discutir as condições de trabalho, fotografava, mostrava, fazia exposição mostrava as mazelas do serviço de saúde denunciando a precariedade geral. A gente conseguiu fazer e convencer a população, fomos nos morros e, realmente, foi um interessante movimento, talvez não pudéssemos reproduzi-lo hoje mas, naquele momento, foi possível. O Lula veio também participar de algumas assembleias. Tem uma foto histórica, eu com ele, no corredor da Associação Médica.

Horácio: E nessa terceira prisão, quanto tempo você passou e se você considerou sair do país?

Dr. Chabo: Dessa vez, se não foi a mais confortável, foi a que eu tive mais respaldo. Foi uma solidariedade espantosa envolvendo meu nome. Para arrecadar fundos a Associação Médica criou um crachá com meu nome: o crachabo. Comprar o crachabo ajudava nas finanças do sindicato e ao mesmo tempo participava da luta para me retirar da prisão. O Alan deve lembrar disso, fazia-se um crachá pra fazer finanças porque o sindicato tava sob intervenção e precisava dinheiro pra pagar a despesa, as pessoas faziam doação. Quando eu fui preso, tudo mudou. Todos queriam ser o Dr. Chabo. Isso deu uma repercussão na imprensa, na sociedade, todo mundo se julgava Dr. Chabo, eu então eu estou preso também....grande solidariedade...me emocionou muito.... e com isso eles perderam a parada. Você imagina o professor, catedrático, Pitanguí, na Santa Casa, fazendo greve? A Santa Casa nunca tinha feito greve, os professores fecharam, eu fui lá e eles se solidarizaram entraram em greve. Quando fui preso, foi um negócio de comoção nacional. O pessoal ficou muito sensível, fiquei orgulhoso e tal, mas a minha mulher preocupadíssima, meus filhos preocupados. Eu não queria ser preso mas você é levado, eu senti que seria preso. Fui levado da Sociedade de Medicina e Cirurgia, mas o Jornal do Brasil conseguiu flagrar uma Kombi me levando, polícia no fundo e a Kombi me levando, seqüestro. Fui levado pro Dops de novo no Caetano de Faria e ninguém queria assumir minha prisão. Aí foi diferente, já não era o Chabo de 66 de 64, era Roberto Chabo presidente do sindicato, uma figura notória e ninguém queria assumir minha prisão, nem o governador, Fiquei horas esperando ir para a cela. Aí veio Evandro Mendes e Silva se oferecendo pra me defender. Nesse ínterim chega um delegado de nome Conde e diz assim: "que negócio é esse que está havendo aqui, heim? Minha filha é médica e disse que não tocasse em você, pediu que eu lhe respeitasse" Dom Eugênio Sales, então entrou na jogada e Délio Jardim de Mato também. O Délio consegue que o Tribunal Militar se reúna antes para julgar o meu caso, pois ia entrar em em recesso. O Dom Eugênio falou comigo, e disse que entendia que o movimento era justo, mas não ia hipotecar solidariedade. Foi então falar com Chagas Freitas.

Horácio: Ele foi visitar você na prisão?

Dr. Chabo: Não, ele não foi visitar na prisão. Ele falava por telefone. Ele chamou o Chagas Freitas disse que ia ao palácio, Chagas Freitas preferiu ir no palácio dele.

Horácio: Pensei que ele fosse dar a extrema unção.

Dr. Chabo: O fato é fui solto e houve uma festa enorme. Nós estávamos em 83, e quem me libertou foi o João Figueiredo, o presidente.

Horácio: Não sei se eu perguntei se você pensou em sair do país?



Dr. Chabo: Não, apesar de alguém ter sugerido na ocasião. Nós achamos que não havia necessidade e, até porque o clima de solidariedade era tão grande que ninguém me tocava, como não tocou mais.

Sebastião: E a greve teve fruto?

Dr. Chabo: As pessoas ganharam promoções, houve uma melhoria salarial, começam a abrir concursos para novas contratações. Antes não haviam concursos para entrar nos hospitais, e agora até o SNI passou a garantir que os concursados entrariam...quem passou...passou mesmo! Tudo fruto da luta, fruto da luta.

Alan: Eu queria fazer uma pergunta também que eu acho que é um assunto que envolve muito o nefrologista. Nós exercemos uma especialidade cara e muitas vezes o gestor público acusa o nefrologista de estar gastando muito dinheiro do SUS, pra um benefício pequeno da população. Você Chabo, como nefrologista e hoje, como gestor público da Secretaria Estadual de Saúde responde isso?

Dr. Chabo: Eu não compartilho dessa opinião, eu quero ser honesto comigo mesmo. Saúde é direito de todos e todos devem ter acesso a todos procedimentos que possam beneficiar sua saúde. O gestor público não pode ser contraditório e dizer que pode dar isso e faltar aquilo, foi esse motivo de debate que eu fiz antes de ontem na Bioética em Neoplasia, com Jacob Clear no Inca. Eu sempre positionei a favor dos nefrologistas sem ser empresário. Nada de ilegítimo em ser empresário. Se, por exemplo, você vai dar preferência ao tratamento de pacientes portadores de câncer ao invés desse ou daquele outro problema, você acabará criando uma perversa discriminação. Se fosse no Haiti, que não tem dinheiro pra nada, na África, não tem, não tem dinheiro...não vai dar! Mas aqui tem! Tem muito dinheiro, tem tanto dinheiro que faz a prosperidade de muito milionário, de muito empresário, de grandes negociantes a nível ministerial, todos fazem grandes negócios no Brasil, então se tem dinheiro pra isso, porque não para a saúde? Quem faz o trabalho, quem executa o trabalho honestamente, eu não posso ser contra.

Horácio: Mas você não alia o nefrologista, empresário da diálise, ao capitalista não é?

Dr. Chabo: Não, não, não. Longe de mim, até porque alguns de vocês, são artesãos e um artesão ganha dinheiro com seu trabalho. Ele não é um capitalista, ele pode ganhar um pouco mais, um pouco menos. Eu me lembro que estava no interior de Tocantins e Gentile era muito impiedoso com proprietário de casa de saúde, só que no interior de Tocantins não tem hospitais. O sujeito monta a sua clínica com 4 leitos e aí eu digo: "Gentile você não pode chamar esse cara de empresário, é ferramenta de trabalho dele, essa é a intenção". A diálise é tua ferramenta de trabalho e, para que ela possa te dar um retorno, você tem que ter várias ferramentas de trabalho, e para atender a demanda de quem solicita é até insuficiente porque está sobrando gente que necessita da terapia. Algumas pessoas

empreendedoras vão ganhar mais dinheiro, mas certamente não vão ficar ricos, ...pois rico, rico, rico mesmo é Bill Gates.

Horácio: Você mantém atividade no consultório?

Dr. Chabo: Mantenho.

Sebastião: O senhor dorme tarde e levanta cedo?

Dr. Chabo: Eu sempre gostei de ler muito e dormir pouco. Durmo pouco mas eu durmo tarde. Habitualmente, as vezes até 1:00 hora da manhã e acordo as 5:30 – 6:00 horas.

Sebastião: o senhor não tem inimigos?

Dr. Chabo: Não, não, não. Eu sempre procurei nunca levar nada para o campo pessoal.

Alan: Isso eu posso dizer que eu vi. O Chabo, apesar de ter uma posição ferrenha no sindicato e na federação, nunca criou inimigos. Na missa da sua esposa estava todo mundo lá, foi uma missa lotada. Todo mundo em respeito a dor que ele sentiu.

Sebastião: Dr. Chabo, estamos terminando a entrevista gostaríamos de agradecer a sua boa vontade em nos atender.

Dr. Chabo: Eu fico lisonjeado, disse no início da entrevista que haveriam outros colegas mais capacitados, com mais vivência para poder fazer, prestar essas informações ou relembrar suas memórias. Mas se coube a mim essa tarefa eu agradeço, a deferência e o privilégio de ter sido o escolhido para essa conversa, que foi uma conversa informal e que me comoveu em alguns momentos. Finalizo afirmando que o médico deve fazer da sua prática médica um exercício de plenitude científica, mas não deve perder a perspectiva política da sociedade. Isso significa a participação política, é por isso que a gente se desorganiza, é fraco, você tem o saber mas a organização política é fragilizada, está na mão dos malufes, dos aventureiros e tal. Esse país merece melhor liderança política.

Para ser comunicado das novas edições ou de quaisquer modificações em Med On Line ou então, para opinar sobre as matérias desta edição, basta clicar [aqui](#)

